

CAPÍTULO 1

Um vizinho para lá de estranho

— Bolas! — exclamou o João. — Era só o que me faltava. Logo hoje, que decidi arrumar o quarto, e acontece-me uma destas.

O João acabara de deixar cair a sua camisola favorita, pendurada no beiral da janela, no quintal do vizinho do lado. Uma simples rabanada de vento e a camisola voara até aterrar numa poça de lama rodeada das mais inacreditáveis espécies de ervas daninhas, flores bravas, catos, cacos e lixo.

Tinha logo de cair no quintal do cretino do Vicente, pensou o João, danado consigo mesmo. Passou a mão pelo cabelo, como se o penteasse para trás. Claro que o cabelo, negro muito negro e liso muito liso, voltou de imediato à forma que tinha.

E agora, como é que me vou desenrascar para ir buscar a camisola?

O João vivia no primeiro andar de um prédio novo num bairro moderno, daqueles em que tudo está mais organizado e é mais bonito do que na maioria das cidades. Apesar de recente, já lá moravam mais de cinco mil pessoas, incluindo muitos rapazes e raparigas da idade do João.

Ora, o bairro da Choupana, onde os prédios apareceram em dez anos como cogumelos na primavera, não surgira no meio do deserto. Tinha crescido num enorme terreno na zona norte da cidade, e ainda havia nela vestígios de uma ocupação que se iniciara no século XVIII.

Em tempos idos, o bairro fora mesmo uma aldeia no meio dos campos, para onde os cidadãos se deslocavam aos fins de semana, gozando o prazer dos piqueniques, dos passeios de carroça, dos retiros onde se comia bem, do ar puro. Ainda existia a velha igreja barroca, um poço há muito desativado... e uma vivenda mais recente, com uns cem anos. Era essa vivenda que dava paredes-meias com o prédio do João, e era nela que vivia o Vicente.

Bem vistas as coisas, o João nem desgostava do vizinho. Até tinha alguma pena dele: o Vicente

vivia sozinho naquele enorme casarão, apenas com a companhia de um cão pequenito e magricela, de longo pelo castanho, chamado *Kiko*. O pai do Vicente, um verdadeiro fura-vidas, tinha imensos negócios em África (era o que se dizia). Visitava o filho uma vez por ano, mas, pelo tempo que se demorava, o João acreditava que ele vinha mesmo era tratar de negócios em vez de estar com o filho.

A mãe do Vicente falecera há poucos anos, vítima de uma doença longa e incurável. No dia do funeral, o João viu pela primeira vez a enorme casa com o jardim cheio de gente. O Vicente, pelos vistos, tinha muitos familiares. Depois desse triste dia, andava sempre sozinho.

Contudo, não era só pena que o João sentia por ele. Parte de si nutria grande admiração pelo vizinho. Andavam na mesma turma. Nas aulas o Vicente não falava com ninguém, mas era (o João apercebeu-se disso num instante) um verdadeiro génio: *geek*, um tipo muito, muito excêntrico, fanático por computadores, rato de biblioteca, um Einstein a teorizar. O Vicente era tão magrinho como o seu cão; baixo e com grandes óculos redondos onde se enfiavam melenas grossas e des-penteadas, o rapaz revelava-se um verdadeiro desastre em Educação Física.

Ao princípio o Vicente era alvo de gozo e troça pela maioria dos colegas: por ser baixo, por ser frágil, por quase nunca mudar de roupa (apesar de se apresentar imaculadamente limpo), por saber tudo, por nunca falar com ninguém. Ou seja, o Vicente era mesmo um tipo especial. Por isso era posto de lado pela malta da turma, que o via como uma espécie de extraterrestre.

Um dia, na aula de História, a turma passou a olhá-lo com outros olhos. O João recordava-se desse episódio como se fosse hoje. A professora, de grande exigência nos pormenores, perguntou à Helena, aluna que tinha algumas dificuldades na matéria:

— Helena... Quem fundou a Casa de Avis?

Depois de uma breve hesitação, a Helena retorquiu:

— Não sei, stora.

— Não sabe?! — enfureceu-se a professora — Mas é uma pergunta básica! É claro que foi D. João I o fundador da Casa de Avis.

Então, lá do fundo da sala de aula, ouviu-se a voz do Vicente. Era a voz de um rapaz cuja voz mudava, variando em altos e baixos, é certo, mas ainda assim muito determinada.

— Depende.

Instalou-se na sala de aula um silêncio de cortar à faca. A professora, de boca aberta, levou algum tempo a recompor-se. Depois perguntou, de forma cortante:

— Depende do quê, Vicente? Explica-me lá isso, para deitarmos fora os livros de História...

— E esboçou um sorriso trocista.

O Vicente manteve-se uns segundos calado. Lançou um leve suspiro e começou a falar, exatamente no mesmo tom:

— Se considerarmos «fundar» como um ato que dá origem a uma coisa nova, neste caso uma dinastia, acho que não podemos esquecer o papel militar de D. Nun'Álvares Pereira e dos exércitos ingleses aliados; também não podemos ignorar a argúcia jurídica do João das Regras e o que fez nas Cortes de Tomar, que acabaram por virar o bico ao prego e proclamar D. João rei... Também acho que o papel do povo e da pequena burguesia, sobretudo de Lisboa, contribuiu em muito para... — o Vicente venceu bem o que disse — fundar a Dinastia de Avis. Se a pergunta fosse «quem foi o primeiro rei da dinastia de Avis?», a resposta correta seria objetivamente D. João I. Mas assim é muito pouco rigoroso, está a apanhar?

O silêncio era sepulcral. Quase ninguém tinha apanhado nada do que o Vicente dissera. O João, porém, compreendera o essencial. Percebera que o Vicente usara no final a sua expressão favorita, que não se usa numa sala de aula, sobretudo quando dirigida à professora. «Está a apanhar?»

A professora apanhou, tanto que, ainda não recomposta, atirou de imediato:

— Rua! Rua, com falta disciplinar! Compreendes?!

— Depende — respondeu-lhe o Vicente, no mesmo tom, para total exasperação da professora e pasmo dos colegas. — Se a falta é por eu ter dito «está a apanhar», compreendo. Se se refere à disciplina de História, não percebo, pois só me limitei a falar dela.

Começou logo a arrumar tudo dentro da mochila. O Vicente tinha sempre em cima da mesa um estranho conjunto de objetos: uma ampulheta, dois ou três livros muito antigos, uma lupa. Levantou-se na maior das calmas e dirigiu-se para a porta. Estava mesmo a agarrar o puxador quando a professora interveio numa voz mais aguda do que o normal:

— Espera! — O Vicente estacou, como se fosse uma estátua. — Volta para o teu lugar. O que disste revela um raciocínio original e muito...

criativo. Mas não voltas a ser impertinente, estamos entendidos? — Depois virou-se para a Helena. — Esta conversa não tem nada a ver contigo. Não sabias a resposta, claro.

A aula continuou, mas tudo mudara em relação ao Vicente. No intervalo, vários colegas tentaram falar com ele.

— É mesmo assim, meu! — exclamou o David.

— Chegaste para ela, miúdo! — trovejou o Manuel, um calmeirão que se orgulhava de dominar a escola e andava sempre com um grupinho de protegidos atrás dele.

O Vicente, porém, teve um comportamento estranho. Não respondeu, não agradeceu, não sorriu. Ouviu toda a gente. Virou costas e foi para a biblioteca, a cabeça enfiada nos ombros, os óculos a caírem-lhe do nariz.

Desde esse dia, o João tinha tentado por diversas vezes falar com o Vicente. Não o queria engraxar nem elogiar. Também achava que, se a argumentação de Vicente no episódio do D. João I tinha sido de uma enorme coragem e inteligência, o tipo excedera os limites. O que João pretendia era compreender melhor o misterioso Vicente.

Não é que o João nunca tivesse feito o mesmo. Às vezes fazia asneira e da grossa, como daquela

vez em que, por distração, se esquecera do telemóvel no cacifo da escola. Já depois do jantar, não resistiu: pediu licença aos pais para dar uma volta e saiu. Foi logo direito à escola, com algumas ferramentas e chaves no bolso.

Primeiro problema: saltar o gradeamento. Segundo: evitar que o segurança da escola o catasse. Terceiro: abrir a porta do pavilhão B, onde tinha aulas.

Saltar o gradeamento não foi muito difícil. Empilhou quatro tijolos de uma obra próxima, subiu com cuidado até atingir a altura necessária para passar a perna direita primeiro, a esquerda depois. Um salto, e estava dentro da escola. Permaneceu agachado, à escuta: o único som que se ouvia vinha dos poucos carros que passavam ao longe e do piar tardio de alguns pássaros com insónias.

Devagarinho, o João aproximou-se do pavilhão B e, bem encostado à parede, para que a luz de um candeeiro próximo não o denunciasse, começou a experimentar todas as ferramentas que tinha, sem resultado. Para grandes males, grandes remédios: o João decidiu desaparafusar a fechadura do pavilhão.

Sabia que estava a pisar o risco; tinha perfeita noção de que aquilo não estava certo. Já não podia

voltar atrás. O telemóvel chamava-o, com uma atração hipnótica. Quando finalmente soltou a fechadura, teve de se conter para não correr na direção do cacifo. Mal o encontrou, abriu-o e pronto: o fiel amiguinho já estava no bolso.

Começava agora a parte pior: sair sem ser visto e encontrar maneira de saltar de novo a cerca. Tinha-se esquecido de que na escola não havia tijolos!

O João quase deu a volta toda ao recinto, à procura de um local onde fosse mais fácil saltar. Nesse trajeto, agachado, ainda teve tempo de ver o segurança sentado na cadeira da portaria: dormia a sono solto, o vigilante. *Menos um problema*, pensou. E outro se resolveu quando avistou uma das árvores da escola encostada à vedação. Os ramos eram suficientemente fortes. Trepou a árvore com o coração aos pulos. Aproximou-se devagar de um ramo que transpunha a vedação. Sentou-se cuidadosamente nele, até já estar sobre a rua, que se estendia dois metros e meio abaixo. Era só suspender-se e... *Crac!* O ramo partiu-se com o estrondo ampliado por todos os ruídos, por ser de noite, e o João aterrou no passeio. Como não largou o ramo, a queda não fora muito grande. No bolso de trás das calças, ainda tinha o telemóvel. Esmigalhado!

Sim, o João sabia bem o que era passar dos limites e nem sempre se orgulhava disso. Correu para casa, uma forma de descarregar a adrenalina daquela noite de verdadeira delinquência.

Comparado com as parvoíces que já fizera, o ultrapassar dos limites do Vicente era completamente diferente, uma cena muito mais séria e de meter respeito. Por isso, o João quisera tanto tornar-se amigo do vizinho. Fez duas ou três tentativas: no ginásio, onde lhe perguntou se precisava de ajuda para encontrar uns ténis melhores (os ténis do Vicente pareciam ter sido usados por várias gerações seguidas); depois, no refeitório, onde o inevitável Manuel tinha a mania de passar à frente de toda a gente na fila. Um dia não resistiu.

— Ouve lá. Caso não saibas és meu colega de turma. Caso não te tenhas dado conta, és meu vizinho. E, caso não sejas parvo, já percebeste que não te quero chatear. Só curtia falar contigo! Custa muito?

O Vicente olhou para ele, franziu o nariz e respondeu:

— Custa. Obrigado na mesma, mas custa, estás a apanhar?

Aquele «estás a apanhar» irritou um bocado o João. Foi graças a essa conversa que tomou uma

decisão: mostrar-lhe desprezo. E agora tinha de ir buscar o raio da camisola, a sua favorita, ao quintal daquele palhaço.

— Clara... Clara! — chamava o João desesperadamente pela irmã, para ver se lhe podia arranjar um bom plano. Como era costume, chamar a Clara exigiu um ritual: primeiro gritar, para o caso de ela ouvir (altamente improvável); depois procurá-la pela casa (não era muito difícil, viviam num T3 com os pais); por fim bater à porta do quarto as vezes necessárias até que ouvisse. A Clara era fanática por música e só tirava os auriculares quando era mesmo preciso. Para grande surpresa dele, a irmã apareceu de imediato.

— Diz.

O João percebeu que ela acabara de tomar banho, pois o cabelo ainda estava húmido, pelo que devia andar perto do quarto dele.

— Clara, estou tramado. Preciso que me ajudes a arranjar um plano. — O João contou-lhe em breves palavras o drama da camisola. A Clara era uma rapariga anormalmente sensata. Quer dizer, nunca ninguém é anormalmente sensato, mas ela andava perto dos limites da normalidade. As suas opiniões tendiam a ser de uma simplicidade desarmante. E batiam certo 99 por cento das vezes.

A Clara continuou a limpar o cabelo, liso como o do João, mas de um castanho-avermelhado que lhe ficava superbem com a cor de pele, de um branco quase transparente. Ela encolheu os ombros.

— Só tens de ir lá e bater-lhe à porta!

— Mas é isso mesmo que não quero — replicou o João. — Imagina tu, ir bater à porta daquele cretino. Vivemos aqui há quanto tempo: dez anos? Alguma vez te lembraste de ir bater à porta do Vicente?

— Por acaso já — respondeu a Clara, e os olhos do irmão abriram-se de espanto. — Por acaso, quando a mãe dele morreu, estive mesmo para o fazer.

— Então, porque é que não foste? Já que te parece tão natural a ideia, porque é que não passaste à ação?

— Porque no segundo dia veio o pai dele. O Vicente foi-se embora com ele e com o cão e esteve um mês sem aparecer. Lembras-te, totó?

O João não se lembrava de nada. Nessa época estava mesmo a borrifar-se para o Vicente, e o acontecimento passara-lhe muito ao lado. Teve então uma ideia que podia resolver o assunto.

— Porque é que não vais tu buscar-me a camisola a casa do teu amiguinho? — atirou ele, a ver se pegava.

— Em primeiro lugar, ele não é meu amiguinho! — cortou a Clara. — Aliás, é teu colega. Se não consegues dar-te com ele, o problema é teu. Depois, a camisola é tua, não sou responsável pela tua roupa, maninho. E em terceiro lugar, estou de saída. Vou ter com o grupo da freguesia que está a organizar a recolha deste ano para o Centro de Ajuda Alimentar.

Desde muito nova, a Clara dedicava-se com uma convicção ilimitada a causas sociais. Aos seis anos, deram com ela a organizar uma venda de objetos usados no pátio da escola para angariar dinheiro para ajudar um colega paraplégico, que necessitava de uma cadeira de rodas elétrica. A campanha ia dando para o torto, porque a Clara decidira pôr à venda um colar de ouro que tinha encontrado numa gaveta lá de casa e que pertencera à bisavó. A professora dera-se conta, os pais foram chamados, a situação foi esclarecida. Até acabou bem, porque ninguém se apercebera do problema do *Rodas*. Os pais dos alunos e a diretora de turma mobilizaram-se num ápice junto da Segurança Social e, dois meses depois, o *Rodas* tinha a sua cadeira novinha em folha. Um verdadeiro triunfo.

Hoje, já eram famosas as histórias em que a Clara se tinha envolvido. Com doze anos, salvara

o célebre poço do século XVIII, ameaçado pela construção de um armazém de pneus. Organizara uma petição, batera a todas as portas do bairro da Choupana, conseguira o triplo das assinaturas necessárias para levar o assunto à Assembleia de Freguesia. Como era menor de idade, foi apoiada com entusiasmo por um grupo de pais, e a destruição do poço do Bairro, dos últimos vestígios históricos que nele se encontravam, foi evitada *in extremis*.

No final da concorrida Assembleia, a Clara viu-se rodeada de dezenas de pessoas, que lhe deram os parabéns pela iniciativa. Já tinha saído quando um homem alto, forte e seco, de cabelo grisalho cortado à escovinha, se dirigiu a ela:

— Sabes, pessoas como tu não há por aí muitas. Continua a ser quem és. Tens o meu respeito. — E afastou-se. Depois, como se se tivesse lembrado de algo muito importante, estacou e voltou-se para trás. — Caso precises de alguma coisa, pergunta por mim. Alguém há de saber onde me encontras. Chamo-me Lobo.

Nessa altura a Clara não dera importância ao assunto. Porém, este revelar-se-ia um encontro de grande importância.

— Olha lá, maninha, estás a sugerir que eu vá bater à porta do tipo? — O João tentava uma última

vez. — É precisamente da tua ajuda que preciso para arranjar um plano alternativo.

— João, não precisas da minha ajuda. Tens quase mais dois anos que eu, és crescidinho: vira-te. O Vicente não te vai morder. Além disso, a Sari está à minha espera para nos encontrarmos com o pessoal, e eu já estou atrasada. Fui.

Raios, pensou o João. Se é para ir ter com a melhor amiguinha e passar a tarde no voluntariado, não me vai ajudar de maneira nenhuma. Maldita camisola. Mas é a minha preferida. Tenho de a recuperar.

O João não era rapaz de grandes indecisões. O problema tinha de ser encarado de frente. Eram cinco da tarde. Em maio a luz desapareceria pelas oito da noite. Por isso, ou era agora ou não era. Vestiu um blusão, calçou uns ténis velhos, para não estragar os novos na imundície do quintal do Vicente, e saiu porta fora. *Se é para tratar disto, daqui a cinco minutos está tratado, pensou. A Clara tem razão, ele não me vai morder.* Não havia tempo a perder. Afinal tinha teste de Matemática no dia seguinte e, mesmo tendo estudado com tempo, queria rever a matéria naquela noite.

Na rua, virou à esquerda. Avistou de imediato o muro alto que rodeava a casa do Vicente. Respirou fundo e agarrou no batente do portão.

Não havia campainha. Quando lhe segurou, sentiu um arrepio de surpresa: o portão estava aberto.

Que estranho. Uma casa com um muro todo à volta e não fecha o portão. Este gajo é mesmo esquisito!

Avançou pelo que parecia ser um caminho coberto de ervas. Percebia-se que o movimento de pessoas não era grande. Chegou à entrada da casa, subindo os degraus que levavam à porta. Frente a ela, o João respirou fundo.

Vamos a isto.

Bateu três vezes com os nós dos dedos na maciça madeira da porta. Esperou trinta segundos. Voltou a bater. Nada. Ninguém. Bolas!

Voltou a bater, numa última tentativa. Ainda tinha o batente na mão quando a porta se abriu de rompante. Do outro lado não estava o Vicente. Em frente ao João, erguia-se um tipo de vinte ou vinte e cinco anos, calças de linho brancas. Estava em tronco nu, que revelava, pensou o João mais tarde, milénios de trabalho de ginásio. A pele do homem, de uma luminosa cor de mel, transpirava. O rosto dele não exprimia qualquer emoção: só curiosidade, sem uma palavra sequer. O João acabou por perguntar, numa voz mais sumida do que desejava:

— Desculpe, o Vicente está? É que deixei cair...

Então, do fundo da casa, o João ouviu a voz inconfundível do Vicente, a berrar:

— Gil, não quero visitas. Seja quem for, fecha-me essa porta!

Nesse mesmo instante, chegou-lhe o som de quatro patas que passavam ao lado do rapaz das calças brancas. Era o *Kiko*, o cão do Vicente, que, sem sequer hesitar, deu um salto quatro vezes maior que ele e ferrou os dentes na mão do João.

Eh lá, pensou o João. *Ainda a Clara dizia que ninguém me mordia!* Da sua mão, o sangue escorria.